

OS RUSSOS VÃO COM TUDO ANTES DO INVERNO

Uma análise da Guerra Russo-Ucraniana à luz de John Mearsheimer, evidenciando as desvantagens ucranianas, a superioridade russa e a narrativa ocidental tendenciosa, abordando a estratégica Pokrovsk e a paz improvável.

Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em nosso artigo publicado no *La Prensa* (4 de junho de 2023), afirmamos: “*E depois de Bakhmut? O que pensa o realismo ofensivo?*”. John Mearsheimer, renomado especialista em relações internacionais, proferiu recentemente um discurso (disponível no YouTube) sobre a guerra na Ucrânia perante o Comitê para a República. Nele, Mearsheimer destacou dois pontos principais:

- A Ucrânia não pode vencer esta guerra porque o número de mortos está desproporcionalmente baixo. Mearsheimer estima que dois ucranianos morrem para cada soldado russo, mas muitos de seus amigos acreditam que a proporção seja mais próxima de 3:1 ou 4:1. Isso se deve à guerra estática, no estilo da Primeira Guerra Mundial, que prevaleceu nos recentes conflitos ucranianos, onde a artilharia é a arma mais letal. A Rússia tem uma enorme vantagem em artilharia. Durante

uma ofensiva, o atacante geralmente sofre mais baixas do que o defensor. Mas, nesta fase da guerra, o lado ucraniano tem tentado contra-ataques na maior parte do tempo, enquanto os russos têm estado na defensiva.

- Além disso, a Ucrânia tem uma população muito menor do que a Rússia. A proporção atual é de cerca de cinco russos para um ucraniano. Com uma população muito menor e um número muito maior de baixas, a Ucrânia ficará sem mão de obra muito antes da Rússia.

Isto é o que dissemos em 2023; hoje é uma realidade. Alguns analistas ocidentais sérios afirmam que, apesar da ajuda ocidental, a disparidade econômica, militar e demográfica em favor da Rússia continua esmagadora. A economia russa está em grande parte intacta, apesar das sanções econômicas impostas, e possui um potencial de mobilização maior. As contraofensivas bem-sucedidas da Ucrânia nos últimos anos ocorreram em circunstâncias muito favoráveis, que dificilmente se repetirão no futuro.

Além disso, a capacidade da indústria militar ocidental de fornecer à Ucrânia munições e sistemas de armas essenciais está em estado crítico.

Como afirmamos repetidamente em nossa discussão sobre “A Névoa da Guerra”, consciente ou inconscientemente, a imprensa ocidental em geral, e alguns líderes políticos, estão adotando acriticamente uma narrativa tendenciosa que favorece um dos dois lados do conflito. Muitas vezes, não há sequer um indício de análise séria ou uma tentativa de entender por que os russos podem ter uma perspectiva muito diferente sobre as causas da guerra.

Ouvimos e vemos analogias imprecisas com a Segunda Guerra Mundial todos os dias, tentativas de retratar Vladimir Putin como Adolf Hitler e Volodymyr Zelensky como Winston Churchill, e para enquadrar o conflito em termos essencialistas e existenciais, onde toda a virtude é claramente encontrada de um lado e todo o mal do outro.

Para esses grupos tendenciosos, a Rússia é um estado criminoso que deve ser “levado à justiça” de alguma forma, como se uma repetição da rendição incondicional da Alemanha em 1945 fosse um cenário realista para a Rússia hoje.

Acreditamos que não seja, pelo menos não sem antes travar uma Terceira Guerra Mundial contra a maior potência nuclear do planeta.

Lembrando Clausewitz (sempre útil para essas análises), “...*Tudo na guerra é simples, mas a coisa mais simples é difícil. As dificuldades se acumulam e acabam produzindo um tipo de atrito inconcebível para quem não vivenciou uma guerra*”. E de fato é; não admite análises simples e superficiais (como as que abundam...).

A REALIDADE DA GUERRA

Enquanto os combates se intensificam na cidade de Pokrovsk, no leste do país, e as tropas russas já penetraram em alguns distritos do importante centro logístico da região de Donbass, o presidente Zelensky parece estar em negação.

“*Putin está estagnado no que diz respeito a sucessos reais no campo de batalha. A situação se assemelha mais a um impasse para ele*”, escreveu Zelensky. Ele acrescentou: “*Primeiro, ele radicalizou a opinião pública sobre essa questão por meio de desinformação. Segundo, ele prometeu objetivos que não alcançou, então precisa demonstrar algumas realizações.*” O presidente ucraniano fez essa declaração em sua conta no X (ex-Twitter).

Mas o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, respondeu dizendo que, embora a Rússia queira que o conflito na Ucrânia termine o mais rápido possível, apenas a perspectiva de negociações de paz está paralisada, e que essa situação “*não é culpa nossa*”.

Enquanto isso, o *Moscow Times*, com sede em Amsterdã, pinta um quadro sombrio para a Ucrânia: “*Analistas militares ocidentais dizem que as tropas russas têm avançado constantemente em direção aos arredores do sul de Pokrovsk, enfraquecendo as defesas ucranianas e aproveitando-se da piora das condições climáticas do final do outono para aproximar homens e equipamentos da linha de frente*”, afirma a reportagem. “*Os combates, acrescentam, tornaram-se uma guerra de atrito extenuante que dizimou unidades ucranianas.*” Um soldado ucraniano declarou recentemente que “*o principal problema é a logística*”, já que “*as estradas estão completamente bloqueadas por drones russos. Nenhum veículo pode entrar ou sair da cidade sem ser imediatamente detectado.*”

IMPORTÂNCIA DE POKROVSK

Durante a maior parte da guerra, Pokrovsk serviu como centro logístico e base de operações na retaguarda das linhas defensivas orientais da Ucrânia. Está estrategicamente localizada em um importante entroncamento ferroviário e na estrada que liga a Dnipro, a quarta maior cidade da Ucrânia.

A perda das principais linhas ferroviárias e estradas de acesso a Pokrovsk limitaria severamente os recursos das unidades ucranianas em Donbass e poderia forçá-las a recuar antes de ficarem sem suprimentos. Isso permitiria um avanço russo imediato e abrangente ao longo de toda a frente oriental.

As posições defensivas da cidade constituem o último obstáculo ao acesso russo à maior parte da região. Se Pokrovsk cair, as forças russas poderão flanquear mais facilmente as tropas entrincheiradas no norte e no sul do país.

SITUAÇÃO OPERACIONAL

Assim explica o coronel (aposentado) Fernando Duran, do Exército Argentino, sobre a situação operacional: “*A Rússia mantém seu principal esforço operacional ofensivo na direção de Pokrovsk com o objetivo de aniquilar as forças ucranianas naquela cidade e criar as condições para, uma vez concluída essa tarefa, atacar na direção de Kramatorsk-Sloviansk.*”

O relatório prossegue: “*Apoiando este Esforço Operacional Principal estão os Esforços Operacionais Secundários dos Comandos Operacionais Leste e Sul. O Comando Operacional Leste, ao sul de Pokrovsk, penetrou profundamente em Dnipropetrovsk e Zaporizhzhia e está atacando na direção de Gulyaipole para proteger o flanco sul do Esforço Operacional Principal e, posteriormente, continuar a ofensiva em direção ao eixo Orehov-Zaporizhzhia ou ao eixo Orehov-Pavlograd. O Comando Operacional Sul, ao norte de Pokrovsk, tem dois eixos de avanço, um em direção a Siversk e o outro em direção a Konstantinivka, sendo este último o que considero o ataque principal. Ambos os eixos constituem um Esforço Operacional Secundário Ofensivo para proteger o Esforço Operacional Principal em direção a Pokrovsk de contra-ataques que os ucranianos possam lançar a partir de Kramatorsk-Sloviansk. É provável que, após a destruição das forças ucranianas em*

Pokrovsk, o Comando Operacional Sul será transformado no Esforço Operacional Principal e o Comando Operacional Central no Comando Secundário. O Comando Operacional do Norte busca estabelecer uma zona tampão entre Chernihiv-Sumy-Kharkov, na Ucrânia, e Bryansk-Kursk-Belgorod, na Rússia.”

Duran acrescenta: “*O Esforço Operacional Naval Secundário, no qual a Rússia disputa o controle do noroeste do Mar Negro e realiza operações de fogo a partir desse mar com duas Forças-Tarefa Navais, compostas por seis e cinco navios, respectivamente, dois ou três submarinos operando nos mares Negro, de Azov e Cáspio, e elementos de Operações Especiais. No domínio aeroespacial: a Rússia está desenvolvendo uma ofensiva contra aérea a leste do rio Dnieper e em Kursk, destruindo sistemas de defesa aérea, bases aéreas e aeronaves, alcançando superioridade aérea nessa área, enquanto disputa a mesma área a oeste do rio mencionado. Por outro lado, os elementos aeroespaciais designados aos comandos operacionais estão realizando apoio aéreo aproximado, interdição aérea tática ou neutralização de defesas aéreas inimigas (SEAD). Tudo isso é apoiado por fogos operacionais com o objetivo de isolar o campo de batalha, atacando concentrações de tropas fora da zona de combate do Teatro de Operações, infraestrutura ferroviária, bases aéreas, infraestrutura energética e indústrias de defesa, sendo esta, em especial, a produção de armas de longo alcance, o alvo prioritário de alto valor para os fogos operacionais russos.”*

CONCLUSÃO

Para concluir, e retomando o vídeo de Mearsheimer mencionado anteriormente, o acadêmico afirma: “*Prevejo que a Rússia, que já anexou quatro províncias ucranianas, além da Crimeia, poderá tomar mais quatro províncias da Ucrânia.*” (ele fez essa previsão em 24 de fevereiro de 2022, dia em que a guerra começou). Essas oito regiões, mais a Crimeia, foram historicamente territórios russos habitados por russos, e, nos últimos 30 anos, eles votaram consistentemente em candidatos pró-Rússia, enquanto a população da Ucrânia Ocidental optou consistentemente por candidatos anti-Rússia. Segundo este autor: “*A Ucrânia acabará se tornando um Estado disfuncional (e empobrecido).*”

Mearsheimer comentou que não haverá acordo de paz na Ucrânia. “*A guerra é vista*

como existencial por ambos os lados. A Ucrânia insiste em retomar o território que considera parte do país e exige garantias de segurança do Ocidente, às quais a Rússia se opõe. O problema do hipernacionalismo (rotulado de fascismo pelos russos) no lado ucraniano também torna a paz impossível. Além disso, há o problema de que a Rússia, enganada pelos Acordos de Minsk, não tem fé em nada do que o Ocidente diz.”

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
